

JOAQUIM FERRER

O B
JEC
TOS
RE
CUPE
RA
DOS

LISBOA

1969

JOAQUIM FERRER

O B
J E C
T O S
R E
C U P E
R A
D O S

L I S B O A

1 9 6 9

DO AUTOR

Publicados:

RAMPAGODOS — Romance

ILHA DOIDA — Romance

A MORTE SEGUNDO ESTÁCIO DE SAA — Poemas

OBJECTOS RECUPERADOS — Poemas

ORNITORRINCOS — Poemas

MAR DOS HUMORES — Poemas

JOAQUIM FERRER

O B J E C T O S
R E C U P E R A D O S

SOCIEDADE DE EXPANSÃO CULTURAL

Lisboa — 1969

OFÍCIO DE UM REI

Atravessei grávidas pontes
preocupantes

dediquei-me aos terrores sagrados
de antigamente

corro agora por montes
onde há gente a sacrificar-me

viajo ao longo dos corredores
dos verdes espantos

e caio nas vertentes opostas
do meu sistema!

nesta esfera em que me sinto resvalar
estou no que é dentro e é fora

em busca de janelas que sei
não terem sido escavadas

mas procuro com a feroz
determinação de um rei doidificado!

ONTEM E HOJE

Foi-se
o que ontem fui
e hoje me dói

inda não cuidei
do que hoje sou
para aqui mudado

talvez amanhã
eu lá seja hoje
onde hoje não estou

amanhã não vem
amanhã será sempre
depois de amanhã...

hoje é um dia
que me oprime
como um regime!

amanhã saberei
do dia de hoje
que exaltei

ficarei sem mim
um dia qualquer
que já estão a fazer...

pois se eu nunca estou,
por que estou eu aqui
em mim a durar?

ah se em mim fico
é só por ficar
sem quê nem pra quê!

INVENTO

Quem é o inventor sem rosto
que me inventa
ou ando a inventá-lo?

não sei se o que vejo vejo
se o que existo habito
ou apenas sou quando...

onde está o que sou
que para além de mim está
e suponho aqui?

onde está onde-vou?
e donde vim a pé
para onde estou só?

significo e medito
que significar me assiste
— mas até onde?

um debate que insisto
mas há indícios por certo
daquilo que somos sem rosto!

O QUE PREFIRO

O que digo que prefiro
de algum modo me prefere
— assim me quero
e me querem!

vontade de estar no que penso
e de fazer deste querer
minha casa e o pátio

não posso não gosto não julgo
sou contrário disso tudo
e do contrário o inverso

ficou-me o soco na mão
o pontapé no sapato
cisão do mundo exato!

máscara pintada que temos
de pele de pedra de pau
com veias até ao pescoço...

CÍRCULO DO FRIO

Aos que lá estão

Ordenaram-me parar — parei
sacrifiquei a viagem àquela
voz impeditiva —
ouvi os ecos que vinham do ser e do nada
e brandiam armas brancas com punhos de cólera!

pelo dia pela noite perguntaram
e se eu tinha a vida comigo
que a mostrasse que a despisse
que a pusesse à disposição
das armas longas de cano curto!

surpreendi-me
desmenti-me
consultei-me e declarei que o dia era meu
até porque o dia sou eu
eu é que o sou cá em cima!

introduziram-me dedos grossos na consciência
rebuscaram com uma perícia infame
e trouxeram de lá objectos
que eu nem sabia que eram tantos ...
substituíram lá dentro o lugar
uns dos outros
puseram armas onde não havia
senão ramos e folhas de videira...

produziram-me ferimentos na memória
instalaram aparelhos compressores
nas obras íntimas da matéria
arrancaram uma ponta do espírito
e prenderam-na a um poste lá fora
deitei os olhos pela janela e vi
um tecto suspenso sobre nada —

ouvi as vozes e arrancos
de quem cospe para baixo
falaram-me de uma fuga infável
abriram as portas para eu ver
que os muros não acabam nunca!

fizeram perguntas ensandecidas e negras
às pregas
havia ali milhares de tabuletas
penduradas ao pescoço de estátuas
viam-se em toda a parte cabeças
vozes múltiplas entrecortadas
de soluços e ordens cavas

procediam como doidos e altos funcionários
para quem nada existe
senão o que foi ontem e não acaba
— queriam saber se eu era quem restava
ou não seria eu outra coisa
inda não classificada...
— queriam saber se eu estava onde estava
ou não estaria em nada
... e se tomava
vinho nas procissões
dos grandes procuradores nacionais?...
perguntaram-me pela vida e pela morte
e no ventre que tal me sentira
de cabeça para baixo?...

trouxeram uma esfinge grande
com um cordel ao pescoço
e mamas semilunares
aproximou-se devagar o monstro precioso
lambeu-me a mão
fiquei sem ela
dói-me ainda
o amputado lugar —

fizeram de mim um papel
e escreveram-me em cima
inversos caracteres
ouvi o ruído de uma porta fechada
atrás dessa porta outra porta
e degraus que vão dar a outra porta
até nunca mais acabar...

AS PERGUNTAS E RESPOSTAS

ao Eugénio Evtuchenko

Pergunto-me diariamente
se perguntar é preciso
ou é faltar ao juízo
ficar só a respirar?

daqui não se vê o destino
das coisas nem o porquê —
perguntas que ainda vão vivas
é por não terem respostas

respostas nascem já mortas
as que não podem cá estar
as outras compro já feitas
e preparadas em latas

uma dúvida interoguei
andava por cima a voar
uma ave um desperdício...
— e mesmo se existo hesito!

regresso ao ventre materno
quando me vejo aflito
sou colagem sou espaços
e nisso me disconjunto!

QUESTÕES QUE ME FEREM

Questões me intimam e ferem...
— quem é a constante maravilha
que me exalta e extermina?

quem é o destrutor
que marcou no ar
o último dia?

quem é o delator que vai
apontar o lugar
aonde durmo?

quem é que faz o governo
aqui detestar-me?

por que há-de o estado
saber quem eu sou
que não sei quem ele é!

não sei quem me quis
e nem quem me insulta...
— deixem-me ser quem não sabe!...

RAZÃO TANTA

ao Guilherme de Oliveira

Enigmas colocados a três centímetros
de meu rosto...

crimes cometidos
por mão entreposta

barbas brancas
no rosto inchado

olhos de criança
nos gestos assassinos

deram-me um processo
e disseram que sou eu!

fizeram-me o retrato
onde não me encontro

sou isto e aquilo e tanta coisa
que posso ser eu ainda...

pasto da memória também sou
e campos onde floresço
morto a soco

ah razão convalescente
de um choque imprevisto

e razão para que serve
se é curta e louca
ou tanta que não consola!

dá-la-ei aos cães
que me seguem a pista.

O FÍGADO E OUTROS ÓRGÃOS

Ando aqui a passar mal
a pensar coisas do estômago
a respirar devagar
— e tudo me dizem do fígado!

meus amigos fatais
é que passam bem melhor
apenas os vejo sofrer
do que me querem salvar

entre todos fui profeta
e sou
por isso quem menos lucra —

meus amigos passam bem
só morrem da faculdade
que de morrer cá se tem

porém a pior sorte
é tantas vezes morrer
de saber que tudo é morte!

CANSAÇO

Andei a pensar
nunca mais
cá pensar...

pensar cansa
e eu canso
de cá estar

pensar isto
é pensar
que ameaça!

pensar cristo
é pensar
que me espanta!

pensar só
é saber
que não posso

sem dormir fico
pensando
o que durmo

acordo e me irritado
e discuto
o dia escrito

ah não posso
a falar
ficar sempre!

DOMINGO E MOTIVOS

Quem era o inimigo ao domingo
sem motivo?

por que vinha procurar-me
tão cedo e sem rosto?

não tinha palavras que dissesse
nem gesto

as vozes que ouvia eram como
feridas sem boca

por que jantava a sós comigo
nesse dia?

por que se deitava comigo na cama
a coisa que sua?

ah, por que nunca domingo eu tinha
se em domingo eu estava?

precisava desse dia desfazer-me...
— mas como, seu eu é que era domingo!

ENTÃO

Dói-me o que penso
dor em fusão
no centro da terra

dói-me o que posso
só de pensar
não poder tanto

a dor que represo
da dor me protege
já sem doer...

que há para além
de mim e da dor
que ando a pagar?

se nada mais há
então
— nada mais sou do que susto!

O POÇO

Morrendo ia
de viver

gastei
vida toda
por mim a passar

afastava-se naquele dia uma criança a correr...
tudo esquece tudo
pequena máquina de esquecer...

— atira ao poço as lembranças
mas o poço é que não esquece!

ACASO

Nada se passa ao acaso
se acaso algo se passa
e ao passar me experimenta

o acaso não é bem acaso
acaso não é ser defeito
mas restituído resíduo

um preterido intento
risco ritual
em minha face inspirado

mundo rodando ao acaso
mundo atirado sem cristo
de um mau momento pra outro.

DUVIDO E SEI

Duvido e sei que duvido
vidro quebrado antigo
não acabo consertar...

duvido e minto comigo
que a dúvida preciso
para ficar em bom estado

por isso a cavo e conservo
por isso me enervo e pago
e dela certeza faço!

CRITICISMO

Este mundo desconheço
onde começo e acabo
acaba comigo este mundo
onde adormeço e não caibo!

gozo em mim eternidades
sou feliz e me disperso...
o preço que pago por isso
é sempre voltar ao começo

viajante de infinitos
e bebo água do poço
comecei por ser um fim
faço de mim um princípio

nego a crença que me nega
não creio quem me não crê
nada acredito senão
neste nada acreditar.

PERFEIÇÃO E NÃO

ao José de Almada Negreiros

Acho perfeição
no ainda não-feito
de tudo o que faço
divirjo muito!

melhor o que penso
melhor do que posso
e se em mim desço
sou já insucesso!

não sei do momento
presente e exacto
de fazer realmente
o que devo e faço

do sonho discurso
vermelho e roxo
aborreço o imenso
de tudo o que peço!

A ALTA PESCARIA

ao F. Mendes da Luz

Fui para o ar
amar e pescar
perdi-me das coisas
que há lá por baixo

sem peixe desci
de cima do ar
voltarei para lá
se em terra cair

nada consola
em terra e areia
peixe de pedra
ideia sem pele

parado corro
ou morro parado —
nalgum buraco
se marcho acabo

por isso marcho
por isso subo
por isso cresço
por mim abaixo.

QUANDO FUI SURPRESA

Surpresa de achar-me
espanto e nu
à beira
do curvo universo!

e grito
medo gélido e convexo
no útero aberto

oh sair do frio e voltar
ao que era antes
sem perverter-me...

oh quanto dói situar-se nesta
matéria diversa
que me cresce!

TRANSPARÊNCIAS

Transcendência dorme
e sobe
a converter-se nesta
real transferência
que é sangue
e me comove

morre quem se despede
e eu conto
meu sonho diurno
que apetece
dormir sempre...

amanhã é cedo
acordo leve e transparente
— insosso
que me descreve.

AUTOFAGIA

Dez ferros num touro preto
leão verdadeiro e rouco
fera que oiço no peito!

grito eu e grita o povo
heróis de vermelho e chapéu
entre as fúrias e os cacos

engulimos força bruta
comemos pedaços da ponte
— autofagia do homem.

ESTÁDIOS

ao José O. G. Lemos

Perdem glória os homens
comem pão e suam fê
precisam de caça e venenos

desgraçadas as florestas
mortos os bichos sagrados
— temos estádios de pedra

fazemos um rei a correr
por nós em baixo na pista
e com ele venceremos!

TEMOS DE RESOLVER

Fazem-se aqui procissões
com os santos importados
país pobre até em santos!

vamos buscá-los à Rússia
que tem deles um excesso
o resto vem-nos da América

a França ficou para trás
a Inglaterra também
e o país ficou frio

e temos de resolver
o que é preciso fazer
até ao inverno que vem.

O PROGRAMA

É por isso que eu desconfio
é por isso que faço caso
tenho fastio é por isso

tiro a gravata e casaco
fico barato e nefasto
pago pra ver tudo isto!

proletário antiquado
ando a passar bem agora
que estou na orla do estado

eu preciso ficar frio
eu preciso ficar raro
no programa que mastigo.

A MORTE DOS TOUROS

Matamos os touros de esguelha
ou supomos que os matamos
por precisarmos da morte

matamos os touros nas praças
e as vacas no matadouro
frigoríficos modernos

consumimos morte pura
porque matamos os touros
e sua morte comemos

só a carne desprezamos
mas às vezes não a temos
então matamos os touros!

A INFÂMIA DOS LOBOS

Venho dos lobos e volto
aonde secaram terrores —
os lobos passados vieram
de novo aqui reunir-se!

enormes lobos — sou eu!
sinto-os a passo de lobo
atrás da porta de vidro
saudades que de mim sinto

matei os lobos antigos
que me eram destinados
participo das folhas secas
que lá fora penso cair

e eu que cuidava não ter
mais lobos para matar
nem tempo para temer...
— faço mal o que bem faço!

proibidas foram minhas
histórias de lobo antigas —
há o temor de espalhá-las
na cidade que não dorme...

MENINO VEM

Menino
vem ter comigo
correr o perigo
em que me encontro

esculpido e bravo
este menino
do tempo passado
vem de mão ferida
pousá-la na minha

menino pra sempre
que há-de sair
nunca de lá
e vem para aqui...

mais antigo do que eu
menino súbito
quase crescido
mas adiado...
— nada lhe digo
dos desgostos que me deu...

anos e horas
ali a perguntar
a querer saber
a demandar...
como hei-de responder-lhe
sem tempo de viver
das perguntas o final!

por que ficou no passado?
sábio pequeno
estado percorrido
por que há-de lá parar?...

ah nada digo não possa
dizer o que faz mal...
que venha aqui descobrir-me!
— é quanto devo dizer-lhe
— pode nem acreditar
que ele é quem eu lá fui
e é
por assim dizer — meu pai!

que as árvores velhas não oiçam
do menino
queixas e culpas extremas
esconde-se debaixo das mesas
fica a ouvir-me poemas
e sabe dos que não faço!

trepá por mim acima
e vem
dizer-me o que precisa...
— se quero ir visitá-lo,
brincar com o seu medo
para ser grande e herói!

ah, como hei-de explicar-lhe
a esse menino de vidro
transparente e suspenso
que o mesmo somos
dois lanços do mesmo abismo!

menino tem o destino
de não poder crescer nunca
sem deixar de ser menino...

inacabada criança
sentença que lhe pesa
doi-lhe ser a esperança
que em mim vem terminar-se

partiu-se lá de repente
espalhou-se pelo chão
e não sabe reunir-se
em si mesmo confundido

fui concerteza os cacos
de vidro caro e antigo
estilhaços do menino
que varreram que perderam
e nunca mais hão-de encontrar!

UM SANTO

A igreja tem um santo
a quem obedeço
sou-lhe reconhecido —
ainda assim me ajudou
felicita-me e convida...

vem aos meus aniversários
quando estou só
e come em frente de mim
do outro lado da vida

milagres não lhe peço
fazem-me falta milagres
nada exijo
— tenho meu orgulho
e sei que é pecado!

santo de quem não preciso
senão para amigo
ninguém o chama para nada
há séculos!
da santidade perdeu até
sentido e gosto

mas amo um nome assim
que sem mim viveu triste
santo a quem empresto
minhas últimas esperanças
inércias e licenças...

a mim se converteu por acaso
quando uma tarde o encontrei
à porta do mundo
defronte do estádio —
sem palavras o entendo
sem dizer nada me entende
assim vamos conversando...

consolo-me quando o consolo
de sua vida e morte
ele diz-me do que sofreu
a sofrer lhe digo tudo
santidade posta em perigo
nas ciladas que lhe trago
e nesses prazeres que lhe conto...

meu santo sereno e santo
suspira e abre o ouvido
para as queixas de que vivo
e a ninguém digo

descubro calos na consciência
e penso:
— são da queda por certo
neste buraco de ser!...

A MINHA ESCOLA

Sete anos após nascença
sete anos inacessíveis
declararam-me incompetente
como um dente
que se fura em criança!

entrei na escola
fui aprender
arrepender-me
quadricular-me
imiscuir-me...

fui combater
acometido
fui repellido
liquidificado

fui ver de perto
caras guerras
as que quiseram
ser as minhas

as muito minhas
as comezinhas
as grandiosas
as desastradas!

fui fazer força
que até me agradava
não fora a glória
de morrer nela!

e cá estou eu
cheio de ferimentos
a sangrar
pelo nariz
pelas mãos
pelos pés
como cristo
que não assistiu
a nada que eu quis —

fiz algumas descobertas
com o diogo cão
e o cabral
e o vasco
mais o afonso
e outros mais...
é claro que venci
venço sempre
engulo balas

sem vaidade
nem maldade
fui feliz
onde cantaram
meus heróis, quase
tão grandes como eu!

sou vencedor nato
tudo quanto avisto
— conquisto!
toda a muralha da china
derrubo!
toda a raça miuda
mato!
sou assim
fui assim
não sei se ainda o sou
mas penso que sim

depois foi na rua
apanhei porrada
socos na cara
por nada
por tudo
por desfastio
de quem mos deu...

ah, por que fizeram isso
precisamente a mim
este herói querido

dos mares da china!...
— foi um rapaz
um incapaz
para as guerras que eu fiz...
— foi um rapaz
que me zupou —
apanhei por tudo
o que não aprendi —
na escola ensinaram-me
apenas
as grandes guerras...
as outras, pequenas
eu morro nelas!

OS MORTOS QUE MANDAM

Oh, os mortos de que me livro
quotidianamente
eu que lhes sirvo
de pasto e alimento!

e aqueles a quem agrido
por não terem morrido de todo
e quererem de lá governar-me!

mortos são uma espécie
de gente que se desmente
e levou o mundo vestido
— mesmo assim quer vendê-lo!

— nem vê-los nem ouvi-los
os mortos de que descendo
sua língua
não entendo

cavalos perdidos e mortos
morrem-se todos os dias
andam morrendo aos pedaços
nunca daqui eu me livro
nem dos mortos nem dos vivos
nem dos pescoços partidos
que andaram comigo a partir-se

ai os mortos insistentes
os já consolados mortos...
— há quem prefira adoptá-los
há quem prefira batê-los
— ignorá-los é que nunca!

e de todos inda digo
nesta nocturna lua
em que morro, em que vivo:
— a pior morte que tento
é cá ficar para sempre!

GUERRA DOS MORTOS

Destes mortos não escapo
enterrados nas paredes
ou dentro de caixas de vidro

estes mortos estão dispostos
a vigiar nossos passos
a retomar-nos os ossos

vivem nas praças e arcos
ao longo das avenidas
e blocos de cimento

enterram-se e desenterram
segundo quem manda e mente
e toca a buzina terrena

alguns levados depois
já repescados nas fossas
por entre o povo em andores...

condenados e heróis
misturam-se todos os dias
em nossas opiniões

mortos conheço que vivem
insatisfeitos da vida
e mandam aos vivos que morram!

comem e vivem já mortos
indispostos e ordenam:
— mais mortos queremos que vivam!

e esses comem e bebem
até casam e têm filhos...
— oh, os mortos exorbitam!

e quão secretos e vastos!
— estes ofícios sangrentos
são ainda meus parentes.

BANDIDOS

Foi torrencial sentir os sentidos...
— bandidos meus queridos!

vi-os em baixo
afogueados
a escalar-me paredes

expulsei-os tanta vez
a murros e pontapés
— aos berros cá me voltaram...

e gritaram-me aos ouvidos
— nunca mais sair daqui!

PLANTAS DO FUNDO

Pensamento quanto vale
quando se busca a flor
do prazer insaciado?

o que se goza entender será
em si mesmo gozar
ou há outro termo melhor?

ou isto que penso e busco
é isto real disfarce
do que fazer cá não posso?

se o pensamento apago
quando sentidos acendo
sou como plantas dum lago

que só florissem no fundo,
e do sol
nada soubessem!

O QUE SOU

Eu sou quem e quem pergunta
acidente e pés da ponte
e o fundo que há em baixo

árvores e rochas e mundo
e o céu que há indeciso
à espera de meus milagres!

sou compromisso e guerra
imprecisa decisão
que me insulta e suspira

sou os desastres da história
resultado impolítico
de derviches e de reis!

sou mar bravo e sopé
da montanha que habito
e me navegam por isso

sonho molecular
que tento apanhar co' as mãos
jogo com ele aos confins

boca de um revólver antigo
não consigo
dar o tiro que aponto

ao fim do mar sou o livro
que hei-de escrever
de um perigo manifesto!

OUTRAS COISAS

Estar aqui não é ser isto
e se amanhã não vier
não sei pra onde é que hei-de ir...

vou a pé vou de comboio
viajo até de intenção
e só de pensar que vou

tive há pouco pena de ontem
saudades de quando eu era
aquilo que já não sou

passo de um dia pró outro
como quem passa por mim
deserto onde me encontro

ando a ser outras coisas
daquilo que sou realmente
mas ser realmente não ousó!

a sujar-me e a lavar-me
é o que faço e disfarço
tomo os banhos que mereço

entro na bruma do cio
perduro e é quase tudo —
ando a morrer no futuro.

OS DIAS ÚTEIS

Oh os dias que me deixaram
alguns tão úteis ainda
abandonados por aí...

aí a farejar
a abanar a cauda para mim
oiço-os latir...

dias incomunicáveis
nada consigo dizer-lhes
— dias-cão que me mordem!

contra os dias
escrevo nas paredes
frases que são revolução!

atrocidades que se dignam
vir visitar-me
falam-me de planos futuros...

pergunto apenas
em que dia estamos?
— e não sabem dizer quando!

e deixam-me na sala armas aos molhos
engano-me e ponho-as
na água em jarras

meus amigos não suspeitam
cheiram as flores com navalhas
e pensam amores...

deixo-os pensar o que eu mesmo pensei
ou pensei que pensava
e me anavalhava

é por isso que a revolução nunca se faz
cá em casa, e na rua
vai a lua...

PAIXÕES

Agarrar as paixões e adia-las
é o que faço e costume com este alto senso
de economia e prazer...

vêm visitar-me antigas
doidas das nostalgias
que sinto por elas
— clandestinas e nocturnas

de corpos brancos nervosos
quase perversos...
paixões são as querelas
que por dentro me dividem —
iludi-las não tento
apenas lhes peço que esperem por mim...

algumas tomo das mais inofensivas
cultivo-as
podo-as
planto-as no jardim

ponho-as em jarras
sobre a cómoda inglesa
aspiro-as lentamente...
— terríveis são inda assim!

ah paixões roxas vermelhas
brancas e azuis infantis
que sofrem de não ter-me!

AVES E AVES

Agarradas a mim como excrementos
aves fatídicas
vieram de algures e dali...

em todo o caso aves!
semelhantes a aves!
que não posso deixar de pensar aves!

e as crianças de olhos tristes
parecem os dias a não acabar...

de tanto pensar nisto acabo por ficar
como as aves e os grandes olhos tristes

sinto ruir aos pedaços ideias
de aço e marfim
com séculos de efeito

receio que mas descubram na praça pequena
que em mim existe...
— prendem até gente por nada
o que fará se me encontram dentro!

o silêncio é quem mais ousa
e disfruta de paciência

às ilhargas ficam guardas
— não sei se me prendem ou guardam

lá fora à minha espera está o mundo
— que fazer dele senão espuma!

há quem faça pasteis de carne
dessas partes que nos sobram

calcularemos o valor
das estátuas que roubaram...
bem sei
que tudo isso conduz a nada
— mas é por isso que cá estamos!

temos de aguardar e ouvir
o que o dia de hoje me faz...

OH TALVEZ

Talvez o que eu sou não seja
mais do que isto
a que resisto!

talvez o que eu sou
seja impropério e tom
de algum nefasto sentido

ou talvez
seja eu o que falhou
e tudo
o que amei e não amou

talvez o que eu sou sejam plumas
de um pássaro
inóspito e nu

oh talvez seja
o que é ser o mundo talvez.

ISTO

Suponho e
quase digo
que sou somente o que sonho

— o resto
são apostas
e lastro.

POEMAS DO TEMPO

TEMPO I

Vejo a data em cima da mesa e fico preocupado!
— em sessenta e cinco já estamos...
— já estamos não, a data é que está
eu ainda não, neste ano não estou
eu preciso estar só

e dedico-me a este facto
sumamente ousado
de já estar onde não estou
a não decidir o que faço...

algarismo não sinto nem data nenhuma
passo de ano para ano
pelo fundo do abismo
que não vejo até ao cimo

já quiseram dividir-me
subtrair-me aviltar-me
já quiseram incluir-me
num aparelho de metal
e trocado fui até
por barricas de peixe seco...

fazem de mim um rodízio
a girar em qualquer ponto
fazem de mim uma trave
de vergalhão e cimento
não sou mercadoria nem conta
que possa somar e pesar-se
— e vão pró raio que os parta!

inda assim a data na mesa
certa surpresa me causa...

TEMPO II

Gota a gota cai o tempo
esse que vai devagar
— adiante apanha-me sempre!

este meu tempo que vem
vem do norte vem do sul
vem de cima ou vem da gente?

o mau tempo faz agora
anos que mora aqui
vive sozinho e tem filhos...

o bom tempo foi-se embora
foi-se com toda a família
deixou-me o retrato na sala.

TEMPO III

Onde vais amigo tempo
que há tanto tempo não vejo?

onde vais passar o ano
e esta crise que tenho?

amigo tempo não gosto
de teres-me outrora mentido!

tempo haverá para tudo...
— afinal és tu meu tempo!

o medo que tenho sempre
é sem ter tempo morrer.

TEMPO IV

Preciso ganhar tempo
ter espaço ter família
ando a pensar concorrer
meter os papeis meter
para aquele emprego público
de tempo
que ainda está por correr...

tenho de trabalhar no tempo
para ganhar o tempo e a vida
aqui acolá
atrás do balcão
nalgum comércio de tempo

vendedor viajante de tempo
meu amigo é que o foi
dinheiro ganhou
influência prestígio
no comércio e na praça —
casou-se tem filhos
vai para as praias, possui
casa de campo sem tempo.

TEMPO V

Amigo tempo quem há-de
passar o tempo comigo?

andaste por lá descuidado
e eu nem sempre!

o perigo de estares afastado
é eu esquecer-me do tempo

cá vou ficando por dentro
enrolado como um tapete...

vou sendo rolo de arame
sem ter ponta nem esperança

vou sendo presença que foge
entretanto por enquanto

conto os dias e as semanas ~~
gasto os dedos a contar-me

e desconto o tempo que posso
para o jogo prolongar...

jogo mal naturalmente
perco o jogo e perco o tempo.

TEMPO VI

Preciso de tempo
para dar de comer a meus animais
que têm fome de espaço e ossos

andam magros
das vantagens que ofereço
que não podem vir cobrar...
— bravos e lindos meus animais!

o tempo é esquisito aqui em baixo
dizem que é maldito
e tem bico

o tempo tira tudo tira olhos
não é possível ou provável
que o tempo seja eu!

à procura de tempo é que ando
de comboio e sentimento
e de avião abstracto

gato após gato
sei do tempo que habito
morre um gato nasce um gato...

há uma falta imensa de tempo nos prados
por isso seca tudo
— e eu não sei como chover...

terei de matá-los deitá-los fora
meus pobres animais
improváveis
que ainda estão por comer...

faço o discurso a seco
embutido no carço
falo por dentro e dou tempo
a que o tempo mate tudo!

TEMPO VII

Perco tempo e algo perco
do que vem ao meu encontro...

antes da morte nada acontece
de importante —
do nascimento
não soube nada —
do casamento
quase pouco —
do baptizado
uma festa em família com brindes e arroz-doce

dias tive que foram óptimos
benéficos
redondos como aquários de vidro branco
com peixe dentro —
tive dias realmente belos
com abraços
a comer e beber
vinho com talhadas de melão!

TEMPO VIII

O que se goza depressa
vem a gastar-se

o que se ama decompõe-se
no que parece

o que não presta
cá me fica e não passa

o que me resta é isto
de um gosto gomarábico

de encontro à parede suo
e recuo de mão baixa

ao fim e ao longo cesso
e de tudo se dá cabo!

A GRANDE DOENÇA

Oh o universo constante
caiu-me doente nos braços
com febre e tosse

hei-de tratá-lo
das fadigas que teve...
— isso disse eu há muitos anos!
agora sei o que não posso —
universo enfermo
que em mim deito...
sinto-lhe a febre alta
o pulso rápido
lança-me olhos tristes
encovados
— presente que vai morrer...

coitado!
e eu que o sofro
dele cuido
quase em mim não penso...
— tempo não tenho infinito para tudo!

diariamente o visito
faz-me mal
aquele seu olhar líquido
cor do espaço, misterioso
como um mar morto...
é cruel pensar
que pode morrer —
que fazer quando o não tiver?
parece impossível
nome tão saudável
e entretanto — adocece!

AMAR AMOR

Já me cansei a pensar
a lavar pensamento
momentos e roupa suja

para amar amor não penso
não é preciso pensar...
— faço o mesmo quando nasço

amor criança fecunda
que não sabe nem pergunta
brincar assim para sempre

mundo todo se concentra
no eterno sabor
do efêmero sem pressa.

VESTI A VERDADE

Visito meu rosto antigo
— aflito pasto
de que me visto

fiz a verdade
andar despida
atentado
aos bons costumes

fi-la acabada
esculpida
sujeita
às minhas altas decisões!

terei de provê-la
de minhas astúcias
e das intenções
que hão-de cobri-la

vê-la-ei
quando sair para a caça
com os perdigueiros
que sabem meu rasto...

hãode apanhar-me
em qualquer troço
e serei eu a caça!

vesti a verdade
atrás do rosto
imagem furada
a quem abasteço.

A NOITE DAS COISAS

Na noite é que se passam as coisas
mais próximas evidentes

há uma consciência na escuridão
em que ela própria se reconhece

gravámos na palma da mão com navalhas
os prenúncios que nos eram proibidos

uma flor grávida e linda
deixou-se cair da manhã

o sol secou o caminho
dos que quiseram abatê-lo!

os rios pródigos onde bebi
retiraram-se ao comprido...

ai a todos não conheço
e de todos guardo sede!

voltar à noite é preciso
para disto fazer parte

raro e alto o que persigo
e todo o apetite é casto.

Julho de 67
Canal de Moçambique

POR FORA HABITO

à memória do

Carlos A. de Sá Menezes

Por fora habito
de um mundo cruel
que mal me reflete

passam-se e vivem
razões das coisas
— razão nenhuma

habito por dentro
de um mau momento
que me descreve

demora-me à vista
um mundo bruto
que me contesta

lá defronte
visto de frente
sou quase um outro!

eu não me avisto
aqui de perto
aqui de dentro

razão do mundo
só preocupa
e causa espanto!

distância deserto
morreu-me de sede
a causa primeira

reduzo o momento
produto imerso
de cá ser nunca

maneira de estar
forma de ver
no muro imenso.

UM ATAQUE

Ontem à noite sofri um ataque irritado
de forças não mencionadas
— o engenho estava livre
de triturar-me!

indefeso e precário ante aquele
raro furto do espírito
ansioso
impreciso...

minha própria emboscada vivo
deleitosa e cara
tensa como a corda
entre meu tempo e outrora

farto da carne insolúvel e mortal!
as fugas são todas impossíveis
para além da pele
que me cobre

abandono as crenças que em verdade
me abandonam
e assumo
as realidades extremas!

OUTRO SANTO

Dos santos modernos não gosto
não tenho por eles respeito
há neles um certo mau gosto

só antiga santidade
me dá sorte e privilégios
— insisto neste princípio

meu santo me surpreende
fez ruindades e fez guerra
e acho que fez até gente

jamais foi santo importante
morreu por lá de repente
nalguma rua em duelo

encontrou-me felizmente
de milagres não teve tempo
— mas agora tenho santo!

COISAS — CÃO

ao António Dacosta

Cães urinaram nas esquinas
que alguém se esqueceu de guarnecer

inimigos naturais equipados
com as armas que deixei de comer

há dias prenderam uma estátua
que ululava!

clamava
por alguma razão desconhecida

gostaria saber o que vão fazer dela...
— talvez pão, um canhão!...

há fantásticos problemas
ainda não comestíveis

pus alguns no mosqueiro
à espera de solução

por que falo eu de tanta coisa ruim
quando podia tratar só das belas?

ah, destas eu trato
mas quem mata são as outras!

por isso falo por isso berro por isso exclamo
e quebro de vez em quando uma janela!

DE COMBOIO

— 7 . 6 . 69

O que vale são meus encontros de comboio
com as lindas mulheres que reservo

vão-se embora para um lado
vou-me embora para o outro...

— assim acabam e acabo.

GATOS PRETOS

Eu tenho uma verdadeira paixão por gatos pretos
guardo na minha estante alguns
ainda bem recentes!

os pássaros e peixes que tenho comido
davam para um verdadeiro
jardim zoológico das espécies

esta primavera emprenharam algumas
das mais antigas donzelas
malévolas

entanto subo mais dois patamares
de minhas novas indiferenças!

preciso é segurar bem estas louras
solicitações

ando a escapar às goelas
de meus leões antepassados

entrei neste beco da história
na berma dos espasmos

nada me dizem do sentido
que faz napoleão ser estado!

tenho de lutar brutalmente
contra assuntos governamentais

e atiro tudo ao cesto
insuspeito das nódoas negras

porém a pele que habito
resolve sacrificar-me!

O DEVE & O HAVER

1

Sou o papel cruel
do deve & haver

atravesso a nado
as ruínas do meu quarto

e desço
paredes verticais

o que vejo cá de cima
não tenciono entender...

disponho de vidros grossos
onde presumo as mãos

é por elas que vejo
o núcleo das sensações

desde menino que não me estimo
e quero que o mundo
seja eu!

é claro que o mundo faz
apenas o que lhe mandam

mas eu não sou mas eu não vou
aí fora mandar nada!

fazer filhos foi tudo
o que fazer me deixaram

e nunca mais parei
cá de os fazer!

tinha sede e por isso tomei
as águas-furtadas aos copos

a terra onde nasci foi esta
por cima do quinto andar

ali oiço o cantar dos pássaros
intimamente

desço afinal ao asfalto
e cuspo mormente.

ROMANCE NÃO PUBLICADO

Um estandarte e dois andores
uns anjos já restaurados
e a mesa pé de galo
a mobília omitida
e eu aqui quase nada!

o ano passado morreu
de morte assaz natural
vim para aqui terminar
a longa curva de estrada
que sobre si mesmo se acaba

quando volto um tanto pouco
a um ponto de partida
aquele donde parti
ficou a ver-me partir
ia eu para coimbra...

deixei para trás o futuro
infinitamente vendido
sem nada ter recebido
a não ser o que apago
por eu ter andado em perigo

papeis e papeis escrevi
outros papeis que matei
até papeis eu comi...
tudo grudado no sótão
— pessoas morreram tantas!

antigo frio me percorre
ao calor que me comove —
debaixo dos tectos imensos
já me tocam a lembrança
coisas caídas do céu...

ÍNDICE

Ofício de um rei	7
Ontem e hoje	8
Invento	10
O que prefiro	11
Círculo do Frio	12
As perguntas e respostas	15
Questões que me ferem	16
Razão tanta	17
O fígado e outros órgãos	19
Cansaço	20
Domingo e motivos	22
Então	23
O poço	24
Acaso	25
Duvido e sei	26
Criticismo	27
Perfeição e não	28
A alta pescaria	29
Quando fui surpresa	30
Transparências	31
Autofagia	32
Estádios	33
Temos de resolver	34
O programa	35
A Morte dos Touros	36
A infâmia dos lobos	33
Menino vem	38

Um Santo	52
A minha escola.....	53
Os mortos que mandam.....	55
Guerra dos mortos.....	56
Bandidos	58
Plantas do fundo.....	59
O que sou	61
Outras coisas	62
Os dias úteis	63
Paixões	41
Aves e aves.....	43
Oh talvez	47
Isto.....	49
Poemas do tempo	51
Tempo I.....	63
Tempo II.....	65
Tempo III	66
Tempo IV	67
Tempo V	68
Tempo VI.....	69
Tempo VII.....	71
Tempo VIII	72
A grande doença.....	73
Amar amor	75
Vesti a verdade.....	76
A noite das coisas.....	78
Por fora habito.....	80
Um ataque	82
Outro Santo	83
Coisas-Cão	84
De comboio.....	86
Gatos pretos.....	87
O deve & o haver	89
Romance não publicado	91

EDIÇÃO ORIGINAL COMPOSTA E IMPRESSA NA

TIPOGRAFIA LOUSANENSE

PRAÇA MARECHAL CARMONA
LOUSÃ — PORTUGAL

1969

